



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MACIÉLE MARQUES DOS SANTOS**

**A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE  
SUA IDENTIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA- PB**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

**MACIÉLE MARQUES DOS SANTOS**

**A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE  
SUA IDENTIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA- PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências  
para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior.

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237m Santos, Maciéle Marques dos  
A mulher negra na sociedade contemporânea: um estudo sobre  
sua identidade no município de Arara - PB [manuscrito] / Maciele  
Marques dos Santos. - 2017.  
30 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior,  
Departamento de História".

1. Mulher negra 2. Identidade 3. Representação I. Título.

21. ed. CDD 320.56

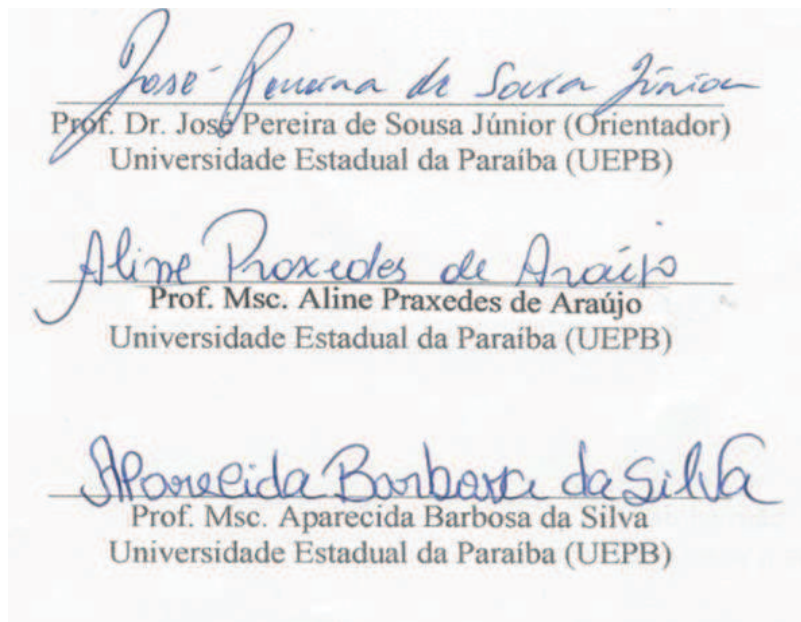
MACIÉLE MARQUES DOS SANTOS

A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE SUA  
IDENTIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA- PB

Artigo apresentado ao curso de licenciatura em  
História da Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento às exigências para obtenção do grau  
de Licenciado em História.

Aprovada em: 10/08/2017

BANCA EXAMINADORA



A minha mãe Tereza Maria,  
por todo amor a mim dedicado.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem ele não poderia realizar esse sonho. Ele é o meu refúgio e minha fortaleza. Socorro bem presente na angústia. Sei que nos momentos de fragilidades me carregou no colo. Sonhar é humano. Mas ter os sonhos realizados... É obra de Deus.

A minha amada Mãe TEREZA MARIA IDELFONSO, que também carrega o papel de pai em minha vida, desde sempre si doou para formar a pessoa que sou hoje. Muita responsabilidade carregou sozinha, e se colocou em segundo plano muitas vezes pensando só em mim. Sua garra e seu jeito de superar as dificuldades me guiam a ir sempre além, seu colo sempre será necessário para me fortalecer e nunca desistir de meus sonhos.

Aos meus familiares, Meu querido padrasto (Antônio), meu irmão (Caique), minha irmã (Joyce), aos meus AVÓS (Antônio – in memoriam e Josefa) por todo apoio e compreensão, além do exemplo de vida e amor incondicional, pelos puxões de orelhas quando necessário e claro nunca poderei agradecer devidamente como merecem, pois estão comigo em todos os momentos de minha vida, os amos demais.

Ao meu namorado (Antônio), melhor amigo e companheiro, vem provando que realmente estará sempre ao meu lado na alegria e na tristeza. Pelo carinho, compreensão, amor, por me ajudar na busca das participantes da pesquisa e por sempre me apoiar em todas as minhas decisões.

A minha colega de classe que se tornou amiga forever (Hortência) por toda parceria e compreensão comigo ao longo do curso. Por sempre se mostrar pronta a me ajudar e tornar a correria do curso mais leve com sua paciência inigualável.

Aos meus amigos de graduação, que levarei por toda vida, Solange, Ênio, Jordânia, que embora tenham chegado com a turma já adiantada, se tornaram especiais tanto quanto aqueles que já pertenciam à turma, muito obrigada por estarem ao meu lado nos momentos de aflição tanto no percurso do curso quanto da minha vida pessoal, as conversas e brincadeiras ficaram marcadas para a eternidade. Espero nos encontrar muitas vezes.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, pela convivência harmoniosa, pelas trocas de conhecimento e experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica/pessoal, que contribuíram para o meu novo olhar profissional.

A UEPB, ao memorável antigo e amado CEDUC pelo ambiente criativo e amigável que me proporcionou a oportunidade de fazer o curso. Aos funcionários que de alguma forma

fizeram parte da minha formação. As oportunidades que me foram oferecidas e alcançadas nas palestras, minicursos e extensões. Muitos foram os ensinamentos.

Sinceros agradecimentos as minhas entrevistadas, que tanto colaboraram doando seu tempo, se dispondo a colaborar abrindo informações tão pessoais.

Ao meu ORIENTADOR José Junior, que me marcou com seu profissionalismo e personalidade desde o primeiro semestre do curso. Pelo esforço e colaboração neste trabalho, transmitindo conhecimento, apoio e especial dedicação.

*“Acordar para quem você é requer desapego de quem você imagina ser.”*

*(Alan Watts)*



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1</b>	<b>A importância da representação: ver / enxergar.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2</b>	<b>Cabelo: moda ou aceitação? .....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>
	<b>ANEXO A- QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>28</b>

## A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE SUA IDENTIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA- PB.

Maciéle Marques dos Santos\*

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo perceber a partir de entrevistas e questionários, feitas com dois grupos de mulheres negras (Cabelos naturais e Cabelos quimicamente tratados) residentes no município de Arara na PB abordando o cabelo como identidade negra e resistência. Nesta perspectiva, o presente estudo pretende identificar essa relação e saber o sentido que ele representa para essas mulheres negras. Quando resolvem alisá-los ou cuidar deles naturais, significa parte marcante da identidade de si. Percebem-se em alguns relatos, marcas de atitudes racistas, falta de representatividade e conhecimento, que acaba por afetar essas mulheres, fazendo negar o seu pertencimento étnico para assumir um padrão estipulado pela sociedade e considerado mais aceito. Uma pequena porcentagem diz ser feliz com seu tipo cabelo natural e os manipulam de maneira a valorizá-los, nos revelando essa conquista através da boa assimilação do conhecimento. Neste contexto a pesquisa nos mostra que pensar, acerca das mulheres negras residentes naquele espaço, é pensar em desafio, um desafio de reconhecimento e aceitação de suas origens, sendo necessária muita sensibilidade e coragem para captar sua própria imagem frente a si e a sociedade, de superar o racismo, infelizmente, naturalizado na conjuntura atual da sociedade. Mas, a partir deste trabalho, como forma de conhecimento já se começa a abrir novos caminhos, explorando um assunto antes nunca citado neste pequeno espaço.

**Palavras-Chave:** Mulher negra. Identidade. Representação.

### 1 INTRODUÇÃO

O tema para o presente artigo surgiu no decorrer do curso, especificamente no componente curricular Projeto de Produção Científica, que através da afinidade com o tema e a curiosidade para encontrar respostas veio a possibilitar este trabalho. A motivação maior é poder realizar uma pesquisa cujo problema de pesquisa está diretamente relacionado com a nossa vivência e, mais ainda, saber que reflete e se aplica em grande e pequena escala para o avanço do conhecimento sobre a identidade da mulher negra na contemporaneidade – como ela é vista pelo outro e principalmente por si mesma. Trata-se de uma pesquisa que vem sendo necessária para compreendermos a problemática em torno das dificuldades e negação da mulher negra em pleno século XXI. Sabe-se que há muito tempo o negro vem lutando para sair do status de subalterno. Até que ponto essa colocação influencia o sujeito negro em sua

---

\* Aluna de Graduação do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: macielemarques@hotmail.com.

autoestima? É uma ação em defesa por todas aquelas que ficam silenciadas e intimidadas em mostrar sua beleza e estética diante dos absurdos ditos pela população brasileira; está na maioria negra e alto declarante não-racista.

Logo, partimos da ideia que muito já foi dito e exposto, mas é exatamente deste ponto, que vem nossa inquietação. Quais desafios às mulheres negras encontram para explicar negação de si mesma? Em um mundo tão atualizado como o atual, o que falta para se reconhecer como negra e assumir sua beleza diante das demais? Como escolher, em primeira opção, sua beleza e não a imposta? Desse modo, esperamos que a especulação venha trazer uma retórica que contribua para a construção da identidade das mulheres negras do município de Arara e assim valorizem sua beleza e estética.

No primeiro momento desse artigo, foi feita uma análise historiográfica sobre o papel e importância da identidade. Em segundo, realizamos um relato sobre preconceito e racismo, considerado como ponto-chave das dificuldades para a mulher negra, e, posteriormente, foi desenvolvida uma interlocução através das entrevistas com as mulheres negras para obtemos esclarecimentos e explicações sobre os desafios em ser uma mulher negra na contemporaneidade. Neste contexto, esperamos encontrar e compreender a força do discurso e o sentido de sua representação, para então, usá-los a favor da construção da identidade da mulher negra na contemporaneidade.

Desse modo, o objetivo do estudo realizado é o de abordar o cabelo da mulher negra enquanto identidade e cultura negra, desvendando os desafios na construção dessa identidade pela mulher negra. Mesmo diante de sua história, ao longo do tempo as negras estão em minoria, não em número, mas em identidade e estética. Nesta perspectiva, teremos como fins específicos analisarmos os fatos perante a trajetória da mulher negra no momento atual, percebendo como esta mulher se reconhece e se valoriza, sendo seu cabelo uma identidade afirmativa. Por fim, pretendemos relatar e avaliar como a mulher negra enfrenta o preconceito de cor e estética na atual sociedade

O estudo realizado utilizou como metodologia a História Oral para nos auxiliar em uma busca pela compreensão, o “como”, pois esse método foca e preocupa-se em compreender os fenômenos, assim refere-se ao mundo dos símbolos / significados, desse modo nos dá total força para nosso tema já que é um fenômeno humano e cheio de significados, análise de mídias, tendo em foco a imagem da mulher negra.

Nesse contexto, a pesquisa tem como sujeitos as mulheres negras da cidade de Arara no Estado da Paraíba, cuja faixa etária varia entre 18 e 55 anos de idade, divididas em dois blocos: “Cabelos Naturais” e “Cabelos Quimicamente Tratados”. Estas ajudaram nossa

pesquisa através do diálogo, de questionários e entrevistas. Assim, a pesquisa veio a fluir em resultados em torno de uma boa interpretação e compreensão dos fenômenos individuais e sociais da mulher negra na contemporaneidade.

## 2 JUSTIFICATIVA

De acordo com os interesses de nossa pesquisa, propomos trabalhar com a seguinte temática: *A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE SUA IDENTIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA- PB*. Partindo da necessidade e carência da identidade da mulher negra na contemporaneidade, no presente município.

É notório que a beleza e a estética da mulher negra vêm sendo valorizada, porém, é inegável que essa valorização ainda é mínima perante tantos receios e preconceitos existentes. Diante de tais fatos, o mais preocupante é perceber que a própria mulher negra vem negando sua expressão identitária.

O gigantesco momento de crise, perda e abandono de identidade é o que nos impulsiona para a realização desse trabalho. Sendo importante destacar que esse assunto é discutido por vários pesquisadores, entre eles podemos citar o trabalho da doutora Nilma Lino Gome, e, também, um recente e surpreendente estudo de Sean Myles da Melanésia na Oceania – onde negros têm cabelos naturalmente loiros. Nesse último caso, desempenha-se um papel na formação de padrões de diversidade genética entre seres humanos.

Compreendendo que no Brasil existe uma multiplicidade de afrodescendentes, o negro deveria sentir-se livre em mostrar e manifestar suas expressões. Porém, o que mais observamos é mulheres negras se apropriando de técnicas e meios de esconder sua beleza, optando por outra beleza, isso, por muitas vezes, parte delas e das rejeições impostas pelo padrão de beleza Europeu. Segundo Gomes (2008 p. 21), “para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou tratamento estético. É identidade”. Muitas vezes essa intervenção nega e não ressalta sua identidade, não sabendo que o mais importante é saber que a mulher ou imagem encarna o papel do outro de nossa cultura.

Nesta perspectiva, esperamos a partir deste trabalho favorecer a conscientização sobre a importância social que a beleza e a identidade da mulher negra exercem sobre a sociedade de Arara-PB na atualidade. Nesta visão, as demais pesquisas reportam à imagem do negro a partir da visão do outro. Espero aqui, fazer uma pesquisa cujo foco seja a visão da mulher negra sobre si mesma, contribuindo para o debate historiográfico.

O propósito é o de implicar em uma reflexão sobre a importância e reconhecimento das raízes de um povo, no sentido da legitimação de sua identidade e pertencimento no seu interior. Nesse caso, são primordiais o conhecimento e o desafio de manter viva não só na memória, mas também em face dos mesmos de suas próprias origens.

Acredito que, a partir dessas considerações, o tema tenha uma relevância de discussões, reflexão e contribuição para o despertar da mulher negra sobre sua beleza e estética. Acrescentando na conscientização coletiva delas, em assumir suas raízes culturais, em foco o cabelo, pois, só o sentir-se de uma cultura leva ao sujeito uma motivação e interesse em superar as dificuldades encontradas em ser uma mulher negra na contemporaneidade, assim cuidando na preservação e valorização da sua história.

Quanto à visão teórica, pretendo utilizar das figuras da chamada História Cultural, entre eles Michel Foucault e Roger Chartier, para, através de suas abordagens nos aspectos discursivos e simbólicos, contribuir para o melhor discernimento do artigo. Foucault foca na construção de identidades individuais e coletivas, sempre em busca do pensamento diferente no outro, pesquisando história das partes negadas, margens e variações da produção de verdade. Chartier faz uma reflexão sobre o simbolismo, representação e prática.

Neste contexto, através das histórias de rupturas, o presente artigo tem por objetivo a compreensão do cabelo da mulher negra quanto a sua identidade e cultura, desvendando os desafios na construção dessa identidade.

Compreender a causa dos atuais acontecimentos nos leva ao passado, futuro por intermédio do presente.

### **3 UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE**

Atualmente a questão da identidade é um tema relevante e que tem se destacado de maneira alarmante, tanto para pessoas comuns como para pesquisadores. Expressões como: “crise de identidade” são frequentemente citadas em estudos, talvez pela multiplicidade de sentidos em seu termo. São diversas as áreas de conhecimentos que se dedicam as inúmeras questões associadas à identidade. Aonde está a necessidade de discussão sobre a identidade? Quem precisa de identidade? (HALL, 2007) O que está em jogo na identidade? (TOMAZ, 2007). Ao longo do tempo, através dos fatos históricos, essa identidade foi sendo resignificada. Essa resignificação muitas vezes se manifesta em situações como a do Brasil, um país cheio de diversidade cultural, social, econômica e étnica. Fica difícil denominar uma

única identidade diante de tantas diferenças. Dessa forma, teremos múltiplas identidades, incluído claro a identidade negra. Vejamos o que diz Gomes sobre a identidade negra:

No Brasil, a construção da(s) identidades(s) negras(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo de escravidão até as formas sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e as muitas formas de resistência negra num processo- não menos tenso- de continuidade e recriação de referências identitárias africanas. (GOMES, 2008, p.21 )

É nesses processos tensos e conflituosos que as características e referências, principalmente a da cor da pele, se direcionam a identidade, principalmente à identidade da pessoa negra. Para compreendermos melhor a pessoa negra, quanto sua maneira de ser e o seu conhecimento no mundo, é importante entendermos a identidade. Qual a conceito de identidade? Se perguntado em curto prazo, provavelmente temos duas reações. Primeiro, de alguma forma uma resposta imediata. Em segundo, um silêncio, reflexivo e cheio de dúvidas. Se procurarmos em dicionários populares encontraremos a seguinte resposta: *identidade*<sup>1</sup> *substantivo feminino* 1. Qualidade do que é idêntico. 2. Conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la.

É necessário perceber que esse conceito nos remete, primeiramente, a algo idêntico, igual e, em segundo, em características capazes de individualiza-las e diferenciar. Propiciando-nos um agrupamento a algo igual, como agradável, ou um profundo desligamento desagradável. Vejamos agora uma abordagem de teóricos que fazem uma elaboração aprofundada do tema. Silva diz:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, sou heterossexual”, “ sou jovem”, “ sou homem”. “A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo (SILVA,2009, p.74).

Segundo o autor, inicialmente acreditamos ser fácil conceituar identidade, simplesmente por nos deter apenas em dizer aquilo que se é. Uma afirmativa daquilo que somos, tendo como menção a si próprio, a identidade seria algo autossuficiente. “No entanto está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias [...] criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (Hall p.103.2007). Essa crítica desconstrutiva vem sugerindo e substituindo conceitos tidos como inadequados por conceitos positivos e mais verdadeiros, colocando em rasura certos conceitos chaves.

No entanto a desconstrução e construção do conceito de identidade não anula em verdade sua aproximação com a diferença, “diferença é aquilo que o outro é” (SILVA, 2009,

p.74), e essa diferença é percebida a todo instante que se faz presente a identidade, logo ao afirmar, por exemplo: identidade negra estará negando ser branco. Desta forma identidade e diferença são, pois, inseparáveis. (Idem. p.75)

As marcas deixadas ao longo da trajetória do negro trazem uma multiplicidade de pontos negativos, que acabam de alguma forma sendo lembradas e expostas de várias formas, principalmente, em redes de informações. Nesse contexto, um negro ao se afirmar diferente do branco, subentende-se, que esta diferença será sempre minoritária a margem. Desse modo, caberá ao negro uma postura de positividade em sua afirmação para promover suas negatividades em forma de superação e assim recriar e ressignificar sua identidade.

Não é novidade alguma que há uma urgente necessidade de se resolver a visão sobre a imagem do negro até então estabelecida, pois, mesmo que haja um número razoável de estratégias e maneiras, estão atribuindo conceitos e perspectivas a imagem de um negro belo e aceito. Observamos um alto índice de negros negando quem se é. Qual motivo de negação? Será devido à identidade e a diferença ser ativamente produzidas em relação os contextos culturais e sócias? De acordo com Nilma Limo Gomes

O processo tenso e conflituoso de rejeição/ aceitação do ser negro é construído social e historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os ciclos de desenvolvimento humano: infância, adolescência, juventude e vida adulta. A inserção e circulação do negro e da negra em outros espaços sociais podem contribuir para a problematização e o enfrentamento desse conflito (GOMES, 2008, p. 124).

Segundo a autora os conflitos construídos historicamente interferem no desenvolvimento do negro e que a inserção em espaços sociais viria a ajudar a enfrentar tais desafios. Percebemos aqui a importância e influência encontrada nos grupos negros em estar disseminando e problematizando tais rótulos e assim transmitir coragem, atitude e força já presente no negro em ir buscar sua identificação e pertencimento ao grupo.

É extremamente importante nos deter ao quesito produção, pois, como acabamos de ver, a identidade e diferença são uma produção e esta sempre direcionará a uma relação de poder. Na mesma linha, a identidade não é fixa e não é permanente, ela é produzida de acordo com interesses, “não são simplesmente definidas, elas são impostas” (SILVA, 2009 p.81). Descobrimos assim o quanto se faz importante deixar as claras, de onde vêm as impossibilidades e as possibilidades do processo de autoconhecimento da mulher negra.

De acordo com Silva (2009), a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o

acesso privilegiado aos bens sociais. Não se trata de uma disputa ingênua. Buscam se classificar, separar, diferenciar, gerando privilégios para alguns, diminuindo outros e o resultado é esta desigualdade devastadora. Sendo assim

São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). (SILVA, 2007, p. 81)

É com informações como estas, que nem sempre e nem todos tem acesso, que muitas mulheres negras ficam recuadas e silenciadas quanto sua identidade. Pois a cultura e sociedade constroem uma identidade e a diferencia impondo modelos. Temos o pré-julgamento, vindo diretamente expresso pela rejeição do outro, aonde acaba por julgar, negar e recusar o sujeito, implicando no sentimento de existência, colocando em um estado de solidão e silêncio, em que a mulher se sente ameaçada em expor e expandir sua textura natural de ser uma mulher negra. Gerando o distanciamento que os brancos exercem sobre os negros. Desse modo Gomes diz que:

O processo de distanciamento social não possui nada de ingênuo e romântico, uma vez que os grupos alicerçados em relações de poder inventam e impõem distancias uns aos outros. Nessa perspectiva, o sentimento de rejeição [...] revela que a distância social entre negros e brancos é uma construção sócio-político-cultural, que apela para a crença na inferioridade do negro e na supremacia branca. (GOMES, 2008, p. 125).

Essa construção, mesmo apresentando tendência a fixação, apresenta duas faces: a estabilidade e desestabilidade. Esse é um ponto positivo para a mulher negra do século XXI, podendo estabilizar uma batalha em favor de seus traços naturais, cabelo, corpo e estilo colorido; e desestabilizar os conceitos pré-produzidos sobre a mulher negra. É fato que a fixação sobre a imagem do negro se apropria dos momentos históricos envolvidos ao longo dos séculos para fortalecer à crise, o abandono e a perda da identidade negra. Porém, já observamos a afirmação e superação desses ocorridos, através das tradições que se mantêm vivas até hoje, como a capoeira, a dança e a religião. Neste contexto Hall (2007) ressalta que:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. [...] essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108)



Como relevância, a identidade é estratégica, sendo minuciosamente planejada e adaptada em favor de interesse e poder. A partir da globalização essa identidade sofre fragmentação atingindo o plural da sociedade de forma diferenciada, porém estimulada e projetada por meio da representação e discurso detendo a intenção de influenciar a aceitação ou distanciamento. Desse modo, faz-se necessário repensar toda e qualquer identidade propagada que chega até você singular e coletivo.

### **3.1 A importância da representação: ver / enxergar**

Sabendo que a sociedade partilha ao longo da trajetória de um sujeito, várias instruções que são apresentadas desde seu nascimento e que, infelizmente, muitas destas informações são usurpadas de modo automático. Esse modo automático acaba impossibilitando inúmeras reinterpretações. Em um país como o nosso, aonde mais da metade da população é negra, é automático quase sempre apropriar-se de significados atribuídos aos negros pelo seu histórico social, impedindo-o de ver e o enxergar. A questão é que temos situações embaraçosas como: ser vista como negra e não se enxergar como tal; se enxergar, mas não querer ser vista ou uma questão bem recente, mas não menos polêmica sobre a apropriação cultural.

Quando falamos em ver e enxergar a mulher negra, estamos nos referindo em ir além do que está nítido aos nossos olhos e enxergarmos o que está transparente. É importante não nos focalizar somente em fatos históricos como a escravidão, devemos nos questionar e discutir a situação dos afrodescendentes, percebendo as permanências e mudanças reais e as que ainda são necessárias. Sim, tivemos mudanças muitas significativas e permanências também, mas será que ambas foram totalmente positivas? Será que permanece um preconceito, um racismo? Será que a mudanças se concretizou de fato?

É por indagações como essas que se faz preciso enxergar as mulheres negras e que fazem elas se enxerguem enquanto negras, que se faz necessário a construção de uma autoimagem positiva. O modo como essa representação é gerada influencia e muito a sua propagação. Pois, por meio da representação podemos nos beneficiar de suas várias ferramentas para que mulheres negras, principalmente as crianças negras, sejam capazes de lidar com o preconceito e racismo e possam erguer sua autoestima a partir de referências positiva, não anulando os negativos mais sobressaindo eles. Vejamos o que destaca Chartier sobre a representação:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] as percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990 p. 17).

Percebemos então, na visão de Chartier, um ressalto para o potencial e modulação que a representação está sujeita, podendo indicar o que deve ou não ser mascarado. Aplicando-se no singular e no coletivo pela força do poder a apropriação acaba sendo um consumo gerador de imposições, deixando em abstrato e neutro os contextos históricos que ainda existem.

Resolver problemas com a representatividade do negro não é algo novo. A negação da diversidade racial brasileira é um fato real, tida como a Negação do Brasil sendo, marcada pela ausência (Black Face) e presença dos negros (subalterno) nas telenovelas, traçadas entre lutas de estereótipos e preconceitos, onde as dificuldades acabam sendo impostas pela sociedade a ponto de intervir na direção da dramaturgia pelo simples fator de não está preparada para realidade (ARAÚJO, 2000).

Segundo Tais Araújo (2017), enquanto só ela estiver fazendo as capas das revistas, será uma história única. E isso não leva a lugar algum. A gente já viu que todo mundo enriquece com a diversidade: os conteúdos são mais ricos, a gente fica mais criativo. A representação tem uma área de atuação muito ampla e é preciso que o sujeito esteja ciente disto para que possa conhecer e reconhecer as múltiplas faces da representação e assim buscar soluções para representatividade da mulher negra. “A gente precisa se sentir representado e saber a quem representar” De acordo com Nathalia Santos (2017), infelizmente, ainda é notório em tempos atuais a falta de representatividade de mulheres negras em mídias.

Pensando criticamente sobre representatividade e sua contagem ao longo da História, em nosso cotidiano fica o desafio de ensinar um novo conceito de representação. A nossa preocupação é a de instruir criticamente para que se possa trabalhar o raciocínio da mulher negra. Fatos como a miscigenação, busca do clareamento e o paraíso da Democracia Racial,

alimenta aqueles que acreditam que vivemos em uma democracia racial, pois há quem se negue em ver as inúmeras notícias de preconceito e racismo contra a mulher negra.

Todos os dias são milhares de casos de racismo ocorridos no Brasil, seja ele com pessoas comuns ou celebridades. Porém, no último caso tem-se uma divulgação muito maior, pelo simples fato de se pensar que pessoas famosas e ricas estão imunes ao preconceito. Já dizia Kamel (1972. p.55) “O racismo tá em todo lugar” e não é uso exclusivo dos leigos.

. Para Moore (2012.p. 125), fortes evidências apontam o racismo como uma construção histórica, acarretando várias possibilidades de compreensão. A problemática em torno do preconceito e o racismo geral causa uma confusão evidente. “Ora os preconceituosos não são necessariamente manifestações de racismo. Pelo contrário: é o racismo que gera os piores e mais violentos preconceitos. Dentre ele o mais profundo e abrangente é a noção da inferioridade e superioridade racial inata entre os seres humanos” (MOORE, 2012, P.226.)

Mesmo a genética tendo derrubado a crença de que a cor definiria a inferioridade e superioridade de um humano sobre o outro, continuam-se a abraçados a ignorância. Ignorância que eleva o racismo e o preconceito onde ele não deveria estar.

Logo o racismo veda o acesso a tudo [...] limitando para alguns segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdade que a sociedade outorga livremente a outros também em função de seu fenótipo. (MOORE, 2012, p.229)

Vejamos alguns relatos:

“Quando criança ao participar dos festejos juninos na escola e ao fazer par com um menino branco, percebi que sua mãe não gostou de ver seu filho dançando com uma negra, tal evidência ocorreu e percebi que porque a mesma em nenhum momento permitiu que eu tirasse fotos com seu filho, foi constrangedor, porque a mesma fazia questão que outras meninas também brancas pousassem para a foto” (ENTREVISTADA A).

“Quando criança alguns membros da minha família materna costumavam me chamar da negrinha de Rita. No entanto eu não encarava como preconceito, enfim não me atingia nenhum pouco” (ENTREVISTADA B).

Diante do fato que o racismo existe e que ele age de maneira maliciosa, mesmo que de forma naturalizada, cabe a nós não o negar. É oportuno citarmos as cotas como ponto de abrangência enorme em relação a mulher negra em todas as esferas. Sabendo que essa questão é um tanto quanto eufórica, a quem diga ser necessário, ou desnecessário. Segundo Kamel (1962, p. 112) “Ainda sonhamos com o ideal de uma nação orgulhosa de sua miscigenação, em que raça e cor não importam”.

Percebe-se aqui que o autor Kamel não atribui tanta importância ao racismo, porém não nega sua existência. Revelando sua maior preocupação é com o “classismo”. Segundo ele

é o preconceito contra os pobres, pois é através dele que o racismo decorre. Em sua visão, o classismo no Brasil rotula o negro, alvo do racismo e preconceito. Uma vez anulada essa hipótese, o tapete vermelho se estende a vítima. No entanto, se analisarmos de acordo com o autor, as celebridades que são ricas não deveriam ser vítimas de racismo e preconceito como citamos acima.

A preocupação que tem nos moldado se baseia na fala de Moore:

A globalização tem criado um novo modelo de relações em que os subalternizados, (...) vivem a ilusão de ver a si próprios mundialmente retratados em uma “foto de família”: sorridentes, com uma cor de pele mais clara, dotados de feições mais “finas” e plenamente integrados à nova cultura homogeneizada de massas que o Capitalismo mundial promete as elites. (MOORE, 2012, p.234)

Dessa maneira, observamos aqui uma das formas mais utilizadas na atualidade para o controle de uma massa fragilizada, se você não si reconhece, buscará se apegar a qualquer modelo para si, sem qualquer tentativa de resistência. Muitas vezes, qualquer coisa fala mais alto que o nada. Cabe a mulher negra buscar motivação para ser quem ela é e essa motivação depende de si própria, mesmo que fatores externos inibam sua ação, pois os tempos pedem mudanças e adaptações. É um desafio que se faz necessário e só cabe a cada um lutar por sua meta que se estenderá ao coletivo.

Diante desses obstáculos, a representação vem sendo um ponto latente e necessário para as mulheres negras. Com a tentativa de derrubar preconceitos e influenciar a sociedade a empoderar as mulheres para que se enxerguem e sejam enxergadas como fortes e dignas de chegar aonde quiserem, seja ele qual for. Faz perceptível a reflexão e a relevância que tem a representatividade, capaz de contextualizar e concretizar novos sentidos em um processo de regaste de si. O cabelo também é representação, trazendo em si, vários significados e interpretações.

### **3.2 Cabelo: moda ou aceitação?**

Estamos em um determinado momento que ao vermos uma mulher negra usando seu cabelo natural, concluímos ser moda. Será que a mulher negra anularia todos os comentários maldosos ao logo da vida por um simples seu cabelo da moda? Vejamos algumas falas sobre o papel do cabelo:

“Já tentei usar meu cabelo natural, mas não consigo, eu mim sinto envergonhada [...] É muito preconceito” (ENTREVISTADA C).

“[...] Não me acho bonita de cabelos cacheados, se eu estiver de cabelos naturais não me sinto eu mesma” (ENTREVISTADA D).

É possível observar através dessas citações a importância que o cabelo tem em nossa vida enquanto sujeito. Desde os tempos antigos, os cabelos desempenhavam significado importante ao ser humano na sociedade, capaz de classificar as relações de poder, política e sedução. Partindo desse ponto notamos que essas vozes frequentes no município de Arara sentem-se inferiores e até inexistente com a forma de seus cabelos.

“O cabelo reflete modismo, tendências, preferências e crenças. Ele possui grande relevância cultural, tanto no Brasil quanto no mundo em especial no que diz respeito à etnia” (QUINTÃO 2013, p. 23-24). Muitas lutas e resistências como os movimentos de negritude tentam derrubar as mas interpretação construídas em relação ao cabelo da mulher negra. Deixemos claro:

A moda é passageira, tem data para começar e para terminar. Já o seu cabelo natural é algo que representa a sua identidade e que você levará para a vida toda. Portanto, por mais que seja um assunto em alta, dizer que alguém assumiu os cachos para entrar na onda é muito feio, é falta de informação e é um pré-conceito. (LOUISE, 2016)

Noticiários a exemplo de “Oficina de cabelo afro incentiva negros a assumirem 'orgulho crespo' em MT.” (SOUZA,2016). Ações como estas são quase nulas, principalmente em cidades pequenas como a que realizamos nossa pesquisa. Porém, o objetivo é disseminar o empoderamento<sup>†</sup> através da aceitação dos traços negros, dentre eles o cabelo, trazendo grande para urgente necessidade de construção identitária.

Na cidade há uma perda gigantesca de identidade negra, a pesquisa só pode contar com apenas dez mulheres que se disponibilizaram a entrevista, pelo simples fato de não se reconhecerem negras. Buscamos sempre cautela para não, de alguma forma, ofende-las. A população se encontra alienada em termos de expressão identitária negra.

Partindo de um preconceito que vem sendo passando de geração após geração, o pré-julgamento, vindo diretamente expresso pela rejeição do outro, onde acaba por julgar, negar e recusar o sujeito, implicando no sentimento de existência, colocando em um estado de solidão e silêncio, ameaçada em expor e expandir sua textura natural de ser uma mulher negra. Pois, a

---

<sup>†</sup> Ele é utilizado [...] para denominar o processo no qual uma pessoa se conscientiza e “se dá conta do seu poder”. [...] empoderar-se é reconhecer-se enquanto sujeito social, político, autor da sua própria história e capaz de lutar por direitos que não são só seus, mas também de um grupo.  
GELEDES.org.br <<https://www.geledes.org.br/empoderamento-nao-e-sobre-o-tamanho-do-seu-black-power/#gs.1oQB16g>> visitado em novembro de 2016

questão é que a beleza e a estética negra trazem desconforto à sociedade branca. “É bonito, mas se eu fosse você mandava alisar”.

Partindo desse ponto, a história do negro está cravada em uma retórica do discurso. Foucault diz

Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, pág. 08-09)

Percebe-se assim, a força exercida no discurso de um posicionamento, de uma linguagem e também a questão fundamental de saber utilizá-lo. Pois um posicionamento tem o poder de erguer, mas também o de curvar. Então perguntamos: será que a massa negra jamais poderá assemelhar-se a massa branca? A mulher negra assemelha-se apenas a mulher branca matando a sua essência (cor, raça, poder, intelectualidade)? O consumo exige o bonito, afinal que sujeito não quer ser bonito? Mas, para ser bonito ou não aos olhos do outro? A mulher negra vem pagando um preço muito alto diante desse padrão imposto, assim implicando no reconhecimento de si e de seu valor identitário. A importância do auto reconhecimento é fundamental para a existência do próprio indivíduo.

Desse modo, até que ponto a estética e a imagem da beleza na contemporânea influencia na perda da expressão identitária negra em nosso país? Com certeza ao ponto máximo, já que a atual estética e beleza são impostas e dadas em forma de produto e comercialização, ditando o que é ser “belo”. Sabemos que o capitalismo exhibe sempre o novo, o desejado e, claro, o desejo de ser e ter acesso a uma série de produtos e táticas que é diretamente interligada a padrões da beleza da sociedade branca. Desse modo, coloca-se em baixo as inúmeras possibilidades que o capitalismo tem em diminuição de uma sociedade racista. Onde as negras cada vez mais se lançam em meio a padrões e estética da massa branca como refúgio de reencontrar-se em seu sujeito e sua relação com seu ser.

Os padrões estéticos de beleza na contemporaneidade exigem e fazem com que, de maneira geral, as culturas – sejam elas negras, brancas, amarelas, entre outras – percam a sua essência identitária, exatamente por ser algo artificial, não contendo originalidade e sim uma simples tentativa de se inserir em padrões de beleza e estética imposta por um determinado

poder de manipulação, transmitida através de um discurso, aonde o sujeito se vê na necessidade de negar sua essência para assim encontra-se em um patamar de imagem aceita. Lembrando que, segundo Foucault (1987), o discurso constantemente se faz, desfaz e transforma-se em novas estruturas, aparentando ser verdadeiramente sólidas, até que tudo se desfaz novamente e assim ocorrendo transformações históricas.

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 1987 pag.30).

Partindo da perspectiva de Foucault sobre a formulação de um discurso. Perguntamos: por que tal discurso é titulado como tal? Quais são as regras que eles seguem para ser tomado como verdade e de quais regras seguem para se ter outro discurso no lugar do já apresentado? E o mais importante, o porquê da não existência de outro discurso. Desse modo, destaquemos que o impulsor do discurso é o homem que transmite ao seu discurso de uma mulher negra, pobre, sem beleza, sem padrões a se desejar, aonde acaba por silenciá-la diante das discussões já estipuladas. Porém, Foucault nos revela que ao empregar em um discurso algo positivo, encontraremos uma funcionalidade e assim resultando na produção de sua identidade.

Aquelas que alisam os cabelos se enquadram em um padrão que é valorizado e que, segundo elas, dariam menos “trabalho” afinal passar horas sentado em um salão, as duráveis chapinhas e os retoques na raiz do cabelo no processo da progressiva para elas não significam nada perto da aceitação pública, gerando uma falsa identificação, mas que as mantém longe de comentários maldosos como: neguinha do cabelo duro, cabelo pixaim, ninho de pássaro, entre outros.

Nota-se que a crise, de abandono e perda da identidade da mulher negra no município de Arara- PB na contemporaneidade deve-se a vários fatores. Primeiramente, as discriminações, a globalização através do capitalismo, a falta de representatividade no próprio município. Mas temos 5% de mulheres que se inspiram em grupos virtuais, youtubers para fortalecer sua identidade negra, mesmo correndo risco de uma reprovação. Essas 5 % garantem, receber “bons elogios” (ENTREVISTADA E). “Manter a originalidade e valorizar a identidade” (ENTREVISTADA F).

Quem decide ser não ser mulher negra? É uma opção? Vejamos as respostas de nossas entrevistadas na questão de considerar-se uma mulher negra. Dentre dez mulheres, nove se

consideram mulheres negras e dessas dez, apenas cinco assumem seu cabelo como ele. Isso nos revela que mesmo se reconhecendo como tal, poucas tem entendimento do passado-presente e acabam acomodadas. Afinal “o racismo, quando não nos mata, nos torna inseguras” (VIEIRA, 2017)

Ao referirmos a questão do entendimento, percebemos que entre as entrevistadas, aquelas que tiveram mais oportunidade de estudos pontuaram esse meio como porta para seu reconhecimento como negra. Vejamos: “O ingresso na vida acadêmica e participação de projetos de extensão na universidade, me fizeram reconhecer minha cor, que vai além do tom da pele”. (ENTREVISTADA G). De acordo com a fala da entrevistada, é perceptível a importância do conhecimento como forma de minimizar a não aceitação da identidade, capaz não só da assimilação para as mulheres negras, mas uma arma contra os preconceitos e estereótipos construídos, uma compreensão do sentir-se negra.

Dentre a questão cabelo, devem ser levantados os comportamentos que temos com ele. Desde pequenas, algumas sugestões que nossos pais têm ao ver a presença do cabelo negro. Com orientações antigas a trança vem em primeiro lugar, “além de carregar uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é também um dos primeiros penteados usados pela criança negra [...]” (GOMES, 2003). O não saber lidar com cabelo acaba enraizando na criança uma marca de pressão sobre seu cabelo, impossibilitando os mesmos de sentir-se livres ao soltar o cabelo sem se importar com menções de mau gosto. De nossas entrevistadas todas assumem ter usado a famosa trança.

Quando essas mulheres assimilam e desenvolvem seu pensamento sobre seu cabelo de não precisar de aprovação de ninguém para ser quem são, surge a seguinte frase: “seu cabelo está na moda”. Como assim? Uma mulher vive sofrendo opressão sobre seu cabelo e no demais quando resolve assumir, escuta tamanho absurdo. Que sociedade é essa? Licença mais quando uma negra aprender a se amar naturalmente, ela derruba qualquer possibilidade de submeter a padrões, principalmente a da moda. Neste sentido será capaz de construir novo discurso, abrir novos caminhos a mais negra que tem seu cabelo usurpado, e sua vida interferida.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado buscou analisar de que maneira as mulheres negras do município de Arara - PB lidam com a questão de sua identidade enquanto negras. Tratou-se de uma pesquisa de campo para obter dados mais consistentes para conhecer sua vivência e



experiências de si, com seus cabelos. Tratando suas identidades na tentativa de modificar e fortalecê-las.

Proporcionamos, através das referências, um emaranhado de informações, uma vez que o desenvolvimento dos sistemas de alimentação do sujeito contribui eficientemente para a construção de suas bases quanto mulher negra, as quais estão representadas em várias áreas do conhecimento, em várias línguas. A grande quantidade de informações que atualmente é produzida tanto em suportes convencionais quanto em suportes eletrônicos, requer um tratamento mental e físico fortificado para que não ocorra perda e distorção significativa de informações, importantes a identidade negra pois, “a globalização teria como efeito, particular, o fato de espalhar, de maneira sistematizada, [...] da destruição das identidades específicas, das culturas, das civilizações e da própria natureza faz com que o século XXI seja talvez o momento de maior perigo da história humana” (MOORE, 2012, p.234).

A partir dos resultados obtidos através das informações descritivas do questionário – perguntas abertas – e dos documentos, podemos concluir que conseguimos mostrar a situação já esperada diante da problemática. Foi evidenciado que, em questão identidade negra, não se tem muito conhecimento, o que ajuda a justificar o fato de não terem buscado um meio de valorizar seu cabelo, como estética negra e de resistência. Todavia contribuiu para grande necessidade de conscientização de ser negra e assim fortalecer e vivenciar essa beleza.

É notório a boa assimilação de informação como processo decisivo para proporcionar acesso de quem realmente essas mulheres são, afinal só assim surgirá a qualidade e possibilidade, rápida e eficiente de se viver a identidade negra, demolindo a padronização e abrindo a essência de si. Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de formas de agilizar as partes mais demoradas e torná-las fáceis de serem atingidas, preferencialmente as mulheres de mínimo conhecimento. Podendo assim fazê-las parar de ceder a manipulações na tentativa de emoldurar-se no perfil ditado pela sociedade (CLEMENTE, 2010)

Analisando os três pontos trabalhados (identidade, representação e cabelo) são observadas as devidas importâncias, capazes de possibilitar vantagens e desvantagens, concluímos que os três tipos deveriam atuar de modo integrado para que não houvesse a perda de identidade constatada na ausência delas.

A luta não é pela igualdade, pois a identidade traz diferença. É saber afirmar sua identidade na diferença, para isso a luta tem que ser constante, individual e coletiva. É este processo que fará cobrar qualquer tipo de desigualdade estruturada pela sociedade.

THE BLACK WOMAN IN THE CONTEMPORARY SOCIETY: A STUDY ON HER  
IDENTITY IN THE MUNICIPALITY OF ARARA- PB.

**ABSTRACT**

The present work has as objective to perceive from interviews and questionnaires, made with two groups of black women (natural hair and chemically treated hair) resident in the city of Arara in PB approaching the hair as black identity and resistance. In this perspective, the present study it intends to identify to this relation and knowledge the direction that it represents for these black women. When they decide to smooth them or to take care of natural them, means a striking part of the identity of itself. They are perceived in some stories, marks of racist attitudes, lack of representativeness and knowledge, that finishes to affect these women, making to deny its ethnic belonging to assume a standard stipulated by society and considered more accepted. A small percentage says to be happy with its type natural hair and they manipulate them so as to value them, in disclosing this conquest through the good assimilation of the knowledge. In this context the research shows that to think, concerning the resident black women in that space, is to think about challenge, a challenge of recognition and acceptance of its origins, being necessary much sensitivity and courage to catch its proper image front itself and society, to surpass racism, unfortunately, naturalized in the conjuncture current of society. But, from this work, as knowledge form already is started to open new ways before, exploring a subject never which cited in this small space.

**Keywords:** Black woman. Identity. Representation.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Joel Zito. **A Negação do Brasil**: O negro na telenovela brasileira. Filme de Joel Zito Araújo, em 2000.
- CHARTIER, Roger. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Coleção Memória e Sociedade. (p. 13 – 28).
- CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança afro**. A cultura do cabelo subalterno. Universidade de São Paulo –USP 30 de dezembro de 2010.
- FAGUNDES, Raphaela M. **Penteado Afro**: Cultura, Identidade e Profissão. 2007. Disponível em < <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Penteado-Afro-Cultura-Identidade-e-Profiss%C3%A3o.pdf> > Acesso em novembro de 2016.
- FÉLIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom. Cabelo ruim**: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula. Revista África e Africanidades – Ano 3- N. 11, novembro, 2010 – ISSN 1983-2554.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luís Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 3.ed. São Paulo: Loyola,1996.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.
- LIMA Marcia, MACHADO Marta Rodriguez de Assis, NERIS Natália. **Racismo e insulto racial na sociedade Brasileira**. Disponível em < [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/02/file\\_1645.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/02/file_1645.pdf) > Acesso em fevereiro de 2017.
- LOUISE, Nyanne. **Cabelo cacheado não é moda!** Entenda por que a transição capilar mudou a vida de muitas mulheres. Disponível em <[http://www.fiquediva.com.br/noticia/cabelo-cacheado-nao-e-moda-entenda-por-que-a-transicao-capilar-mudou-a-vida-de-muitas-mulheres\\_a4732/1](http://www.fiquediva.com.br/noticia/cabelo-cacheado-nao-e-moda-entenda-por-que-a-transicao-capilar-mudou-a-vida-de-muitas-mulheres_a4732/1)>Acesso em novembro de 2016.
- MOORE, Carlos. Racismo: passado conflituoso, presente comprometido, futuro incerto. In: **Racismo & Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 2ª edição- Belo Horizonte: Nandyala, 2012. P.225-237.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra**. São João del-Rei, julho/dezembro/2014.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ele tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária / 196 f. Orientador: Julio Cesar de Souza Tavares. Dissertação de ( Mestrado) –Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2013.

REIS, Maria Aparecida dos. A espetacularização da face (negra) no (face)book: produções de identidades afro em comunidades virtuais. In: OLIVEIRA, Ariosvalber de Souza; DA SILVA, Moises Alves; AIRES, José Luciano De Queiroz (Organizadores). **Nas confluências do axé:** refletindo os desafios e possibilidades de uma educação para as relações étnico- raciais. João Pessoa: Editora do CCTA, 2015. p.95-118.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007 P.73-102.

SOUSA, André. **Oficina de cabelo afro incentiva negros a assumirem 'orgulho crespo' em MT.G1**, Mato Grosso. Disponível em<<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/11/oficina-de-cabelo-afro-incentiva-negros-assumirem-orgulho-crespo-em-mt.html> > Acesso em janeiro de 2017.

VIEIRA, Karina. **O racismo, quando não nos mata, nos torna inseguras**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/o-racismo-quando-nao-nos-mata-nos-torna-inseguras-por-karina-vieira/#gs.NKiB744>> Acesso em julho de 2017.

# ANEXO

**ANEXO A – QUESTIONÁRIO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

Pesquisadora: Maciéle Marques dos Santos

Orientador: José Junior

**Assunto: A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO  
SOBRE SUA IDENTIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA- PB**

Este questionário é parte de uma pesquisa sobre meu Trabalho de Conclusão de Curso e suas respostas são muito importantes para a fase exploratória deste estudo. Desde já, agradeço-lhe por sua colaboração!

Nome da entrevistada \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1- A estética dominante é pele branca, cabelo loiro e liso. O que você faz para se afirmar com seu padrão de beleza que está à margem do dominante?

---

---

---

---

2- Você se considera uma mulher negra? Justifique sua resposta.

---

---

---

3- Se você tiver que classificar a sua cor em branca, preta, parda, amarela ou indígena, como se classificaria?

---

4-Você já sofreu algum tipo de preconceito ou racismo? Descreva-o.

---

---

---

---

---

5-Como você se sente em relação a sua estética (corpo e cabelo)?

---

---

---

6-Você já usa ou já tentou usar seu cabelo natural? Como se sente?

---

---

---

7-Quais as dificuldades que você tem ou acha que teria em assumir seu cabelo?

---

---

---

8-Escolha cabelo natural ou quimicamente tratado?

---

9-Há quanto tempo seu cabelo é da forma que é hoje?

---

---

10- Que tipos de comentários você normalmente recebe em relação ao seu cabelo?

---

---